

Sêneca

- nasceu cerca do ano 1 da nossa era, em *Corduba*, cidade da província da Bética, na Hispânia
- filho do muito eloquente e abastado Sêneca-o-Retor (Sêneca-Pai)
- irmão de Aneu Novato, filho mais velho, que viria a ser adoptado pelo orador Júnio Galião, e de Aneu Mela, o filho mais novo, procurador imperial e pai do poeta Lucano.

Mestres de Sêneca

- Sócion, Átalo e Papírio Fabiano, todos três discípulos de Quinto Sêneca, filósofo que, na época de Augusto, havia fundado um movimento filosófico afim com o estoicismo e com o neopitagorismo.

Algumas das obras de Sêneca

- *Consolatio ad Marciam*, dirigida à filha do historiador Cremúcio Cordo, inconsolável com a perda do filho
- no exílio, penoso, o filósofo reúne conhecimentos para uma das obras que havia de compor nos últimos anos da sua vida, as *Naturales Quaestiones* (*Questões Naturais*), e escreve duas *Consolationes* (*Consolações*), uma dirigida à mãe (*C. ad Heluiam*); e a outra, a Políbio (*C. ad Polybium*), um muito influente liberto de Cláudio.

- *De Breuitate uitae (Da Brevidade da Vida)*, também ele de matriz estóica, centrado na busca da virtude e na preparação para a morte
- *Apocolocyntosis diui Claudii (A transformação em abóbora do divino Cláudio)*
- *De Tranquillitate animi (Da Tranquilidade da Alma)*

- *De Clementia (Da Clemência)*
- *De Otio (Do Lazer)*
- *Naturales Quaestiones (Questões Naturais)*
- *De Beneficiis (Dos Benefícios)*
- *De Providentia (Da Providência)*
- Tragédias
- *Epistulae ad Lucilium (Epístolas a Lucílio)*

Algumas das obras perdidas

- *De Matrimonio (Do Matrimónio)*
- *De Amicitia (Da Amizade)*
- *De Superstitione (Da Superstição)*

Estoicismo

- O estoicismo deve o seu nome ao local onde os seus adeptos se reuniam – à στοά ποικίλη.
- Foi fundado em finais do século IV a.C. por Zenão de Cício, discípulo do cínico Crates

História do Estoicismo

- estoicismo **antigo** (finais do século IV a.C. – início do século II a.C.), com Zenão, Cleantes e Crisipo
- estoicismo **médio** (séculos II e I a.C.), com Panécio de Rodes e Posidónio de Apameia
- estoicismo **romano** ou **imperial** ou **neo-estoicismo** (séculos I e II d.C.), com Séneca, Musónio Rufo, Epicteto e Marco Aurélio

Princípios-base do estoicismo

- um dos seus mais fortes pilares assenta no *λόγος*, conceito central, entendido como a razão universal, que tudo criou a partir de si e que tudo conserva. Este *λόγος* é também *πρόνοια*, a providência condutora, e *εἰμαρμένη*, cadeia das causas e efeitos que regulam e determinam o curso dos acontecimentos

- *naturam sequi*, fórmula estóica da vida em conformidade com a natureza
- há no mundo uma simpatia universal, na medida em que tudo co-existe, o todo se revê em cada uma partes que anima, pois, como Jean Brun refere, “há apenas uma matéria comum disseminada numa infinidade de corpos limitados” Brun (1972), p. 60

- O mundo é, pois, como um animal composto da mesma matéria e de uma alma única – Marco Aurélio
- O estoicismo incide sobre três áreas fundamentais do saber – a lógica, a física e a ética

- Os estóicos comparavam a Filosofia a um ser vivo: os nervos e os ossos seriam a Lógica; a carne, a Moral, a alma, a Física.
- Já comparada com um ovo, a casca seria a Lógica, a clara, a Moral, e a gema, a Física

- a lógica gozou da preferência de Zenão e Crisipo
- aos estudos desenvolvidos pelos estóicos nesta área devemos, ainda hoje, tributo pela teorização feita a propósito das partes do discurso, dos casos e respectivas propriedades morfossintáticas, entre outros aspectos linguísticos

- *Φύσις* deriva do verbo grego *φύειν*, que significa crescer. Assim, e de acordo com Diógenes Laércio, os estóicos chamavam natureza, quer ao que o mundo contém, quer ao que produz as coisas terrestres

- a ética era entendida em duas vertentes distintas, a que ministra conselhos (*praecepta*), por oposição à moral teórica (*dogmatica*), que estabelecia os princípios de base (*decreta*)
- os estóicos debruçaram-se sobre questões relativas ao instinto, ao bem e ao mal, às paixões, à virtude, à persuasão, à dissuasão, ao mérito, enfim, aos caminhos e processos ao alcance do Homem para se afastar do *uitium* e alcançar o bem supremo, a *uita beata*, viver de acordo com a natureza

- *uirtus*
- *uitium*
- indiferentes

indiferentes (*ἀδιάφορα*)

- a vida,
- a morte,
- a saúde,
- a doença, o prazer,
- a dor,
- a beleza,
- a fealdade,
- a vergonha,
- a fraqueza,
- a riqueza,
- a pobreza,
- a glória,
- a nobreza,
- a origem humilde

- Entre os indiferentes, os estóicos distinguiam coisas **preferíveis** (*προηγμένα*) e coisas **rejeitáveis** (*ἀποπροηγμένα*)

Os *affectus*

- ‘Paixão’, do latim *passio*, remete para *patior*, verbo de etimologia desconhecida que, como o correspondente grego, πάσχω, significa sofrer, suportar, ser passivo
- A paixão é, pois, algo que se sofre, que se suporta passivamente, um *affectus*, uma *perturbatio*; os *affectus*, incidindo sobre a alma, provocam nela perturbações, movimentos contrários à sua essência primeira, a *ratio*. Eles são, pois, movimentos contrários, não só à *ratio*, como também à natureza.

- “O tratamento das paixões deve, pois, consistir na transformação radical do modo de olhar o mundo e a vida, e é, por isso, primordialmente um acto de razão” – José Pedro Serra

- Os estóicos classificaram as paixões segundo dois vectores fundamentais (bom/mau e presente/futuro), dando origem a quatro figuras típicas, a respeito das quais, todos os estóicos, desde Zenão, estavam de acordo: o **medo**, o **desgosto**, o **prazer** e o **desejo**

- a) julga-se que o presente é bom (**prazer**);
- b) julga-se que alguma coisa no futuro merece apreço por ser boa (**desejo**);
- c) julga-se que o presente é mau (**desgosto**);
- d) julga-se que no futuro algo poderá acontecer de mau (**medo**).

- Por **prazer**, os estóicos entendiam o ardor irracional de qualquer coisa que parece agradável. Nele incluíam o regozijo por ver cair o mal sobre alguém, a vaidade, a voluptuosidade e a devassidão.

- No **desejo**, visto como um apetite irracional, incluíam o desejo daquilo que não podemos ter, o ódio, a rivalidade, a cólera, o amor, o desejo de vingança e a fúria.

- O **desgosto**, entendido como uma contracção irracional da alma, encontrava-se subdividido em piedade, inveja, ciúme, rivalidade, angústia, perturbação, desgosto, aflição e confusão.

- Por **medo**, entendiam a expectativa do mal, subdividindo-o em medo, hesitação, vergonha, terror, pânico e ansiedade.

- Cumpre ainda salientar que para os estóicos havia três bons estados emocionais vistos como inofensivos: a **alegria**, que é o contrário do prazer e abrange o contentamento, a jovialidade e o bom humor; a **prudência**, que é o contrário do temor e está relacionado com a castidade e, por fim, a **vontade**, que é o contrário do desejo e compreende a benevolência, a calma, a doçura e o afecto.

O ideal do *sapiens* estóico

- Para o estoicismo antigo, os homens dividem-se exclusivamente em dois grupos: os ‘sábios’ (*σοφοί, sapientes*) e os ‘não sábios, insanos, insensatos’ (*φαῦλοι, κακοί, insipientes, stulti*).

- A ideia de um estado intermédio, em que tivessem lugar os *proficientes*, isto é, aqueles que iniciaram o estudo da filosofia e que procuram a *uirtus*, parece ter-se originado com Panécio, no estoicismo médio. Todavia, para Séneca, mesmo os *proficientes* devem ser considerados como pertencendo ao número dos *insipientes*, porque, no seu percurso, podem oscilar ou recuar.

- A vida do sábio deverá caracterizar-se pela *ἀπάθεια*, termo grego que Séneca designa por *tranquillitas animi*, tranquilidade da alma. Esta noção traduz-se numa impassibilidade ante os infortúnios da vida, os reveses da sorte, os males do mundo, o medo da morte, as paixões...

- O *sapiens* deve procurar orientar os outros no caminho da *uirtus*. Ele deve ser útil ao maior número de pessoas possível. Se tal não for possível, a algumas. Em última instância, que seja útil a si mesmo.

Tipos de suicídio

Segundo Durkheim (*O Suicídio. Estudo Sociológico*):

- **egoísta** (caracterizado pelo individualismo desmesurado; é condenado pelos estóicos; o estóico não pode matar-se enquanto for preciso)
- **anômico** (a sociedade sofre alterações que têm como consequência a libertação dos indivíduos dos constrangimentos que ela exerce sobre eles; os estóicos condenavam o suicídio pelo *fastidium uitae* ou *libido moriendi*)
- **altruísta** (o eu não se possui a si mesmo, não possui a sua própria vida, que antes se encontra em estrita ligação com a sociedade)

- Arthur Bodson (*La Morale Sociale des Derniers Stoiciens*) acrescenta um quarto tipo:
 - **fatalista**

Tragédias de Séneca

- *Hercules Furens* (*Hércules Enlouquecido*)
- *Hercules Oetaeus* (*Hércules no Eta*)
- *Medea* (*Medeia*)
- *Troades* (*Troianas*)
- *Phaedra* (*Fedra*)
- *Agamemnon* (*Agamémnon*)
- *Oedipus* (*Édipo*)
- *Phoenissae* (*Fenícias*)
- *Thyestes* (*Tiestes*)
- [*Octauia*, pseudo-Sen.]

Aristóteles

- o cerne do género trágico, na perspectiva da composição ática, aquela sobre que o autor teorizou, radica “[na] imitação de uma acção elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da acção e da narração e que, por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões”. Arist., *Po.*, cap. 6, 1449b, 25

- a passagem do herói trágico da “prosperidade para a desgraça” deveria decorrer, não do carácter deste, de uma eventual perversidade ou maldade que nele existissem, mas sim de um erro de apreciação, o erro trágico. *Po.*, cap. 13, 1453a, 15

- De facto parece haver uma contradição insanável entre determinismo e liberdade, e não falta quem veja na firmeza com que Sêneca aceita o determinismo e defende a liberdade do homem um fruto de certa falta de sistematização, de rigor do seu pensamento, resultado de muitas leituras, que fariam da sua filosofia uma espécie de eclecticismo sem consistência real.

- [...] ao passo que nós *sequimur fatum*, «seguimos de bom grado o destino», o que implica uma atitude activa, racional, de aceitação do irrecusável, pelo contrário *praebemur fortunae*, «estamos sujeitos à fortuna», em princípio numa posição passiva perante um mundo de indiferentes, mas susceptível de, pela razão, pela virtude, pela *unicidade* do bem moral, ser por nós dominada e transformada em «bem». [...] Em suma, se o homem não é livre de escolher o seu *fatum* nem a sua *fortuna*, é, por um lado, dotado da razão que lhe dita a obediência ao *fatum* e dispõe, por outro, da liberdade de transformar uma *fortuna* moralmente indiferente num verdadeiro bem.